



MARINA!

MARINA!

Sobre a vida e a
morte na velhice

AGOSTINHO BOTH

teatro

A arte na vida está nas mãos que
escrevem e, no livro aqui
apresentado, nas palavras de
Agostinho Both, que descreve em
forma de teatro, a velhice, através
de sua peça, Marina! Marina!
Mostra a vida e a morte na velhice
como projeto no retratar as
escolhas e os entrelaçamentos que
moldam o estudo da sociedade e
suas influências, na forma como
construímos e narramos a arte na
vida.

Tânia Du Bois

MARINA! MARINA!



MARINA! MARINA!

Sobre a vida e a morte na velhice.

Agostinho Both

Teatro

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projeto passo fundo.com.br

e-mail para contato: projeto passo fundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR);

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão, diagramação, estética do livro e capa: Tânia Du Bois

Imagem da capa: Marina! Entalhe em madeira de Sani Vidal

B749m Both, Agostinho

Marina! Marina! : sobre a vida e a morte na velhice /
Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.

1,155 Mb. ; PDF.

ISBN 978-85-8326-209-1

Publicação também disponibilizada como E-book (formato PDF).

1. Teatro. 2. Teatro popular. 3. Representação teatral.

I. Título.

CDU: 792



MARINA! MARINA!

Sobre a vida e a morte na velhice.

A ARTE na VIDA

Agostinho Both pergunta, “Teria alguém interessado em teatro?” Respondo que teatro ainda é a escolha que nos ensina a resolver questões como a do envelhecimento; da vida em grupo, de como dominar as emoções e que, na hora do palco, todos são iguais, porque as diversidades são dribladas e o ambiente torna-se recreativo ao transformar em desafio a arte da interpretação.

Acredito que a arte vivencial busca atingir algo ainda não alcançado. Que as artes sentimentalizam e conformam as nossas vidas; para isso, usamo-la como recurso, tendo representação teatral como ferramenta, sem censura, para o que conseguimos ou deixamos de conseguir.

A arte na vida está nas mãos que escrevem e, no livro aqui apresentado, nas palavras de Agostinho Both, que descreve em forma de teatro, a velhice, através de sua peça, *Marina!Marina! Mostra a vida e a morte na velhice* como projeto no retratar as escolhas e os entrelaçamentos que moldam o estudo da sociedade e suas influências, na forma como construímos e narramos a arte na vida.

Nestes dia a dia tão corridos, o teatro e, particularmente, a obra de Agostinho, não é apenas uma questão de lazer como de reconhecimento da cultura retratada na velhice; dá continuidade ao ato de representar como tarefa que conscientiza e educa. Mas, que necessita do leitor, como platéia, para registrar e apreciar na peça o

trabalho através do papel dos atores, na representação das ideias do autor.

Saliento que Agostinho descreve, com maestria, os movimentos necessários para vencer o adversário que no caso, é o tempo *versus* a velhice, favorecendo a autonomia dos idosos ao demonstrarem seus aspectos emocionais, no andamento dos diálogos; destaca as ações de cada um, dentro de sua faixa etária, como se retornassem no tempo pelo movimento das palavras, fosse a vida a arte registrada em palcos sucessivos.

O autor, através de mudanças significativas, culmina o todo e o nada através do maravilhoso ritmo dos acontecimentos, direcionando o amor como impetuoso sentimento que impulsiona o ser humano para tornar sua realização como conquista: o pensar a longo prazo e a reflexão para assumir a velhice em projetos criativos.

Marina!Marina! é passaporte de inclusão para conquistar metas e expor o mundo na cumplicidade pela persistência através do tempo. A peça é o encontro do momento em que marcamos a realidade, ao sentirmos e reconhecermos o talento de Mestre Agostinho Both na arte sobre *a vida e a morte na velhice*.

Tânia Du Bois

Pedagoga e cronista



Cena I

Criança, adolescente, jovem, adulto jovem, adulto meia idade, velho e velha cada qual carregando suas malas, coloridas ou não, mais rápidas as crianças e os jovens.

Cena II

Marina, senhora de 75 anos com sua filha Alda. Chegam as amigas.

Alda atende a porta.

Cumprimentos

Marina — Que bom que vêm me visitar. Eu não posso mais sair. Tenho meus netos, mas com essa juventude e as distâncias não se pode contar muito. Se não fosse meu celular acho que ficaria muda. Ainda bem que minha filha é um amor, mas, também trabalha fora. Hoje veio dar uma espiada pra ver como estou. Mas vocês, como estão?

Amiga I — Vamos levando enquanto a vida não leva a gente. Soubemos de tuas dificuldades de movimentação.

Amiga II — Cá estamos Marina.

Amiga III — É isso mesmo, vim por isso mesmo. Curiosa por saber com estás.

Marina — Que bom que estão aqui. Vamos matar a saudade de tempos melhores. Lembram-se dos bailes e das festas juninas?

Amiga I — E como lembramos. Dançávamos até o amanhecer. Cada uma de olho em quem achar para dividir a vida. Depois, encontrávamos as amigas para comentar sobre a cidade. Lembra Marina, de quando concluímos o Normal? Tempo bom aquele.

Amiga II — Agora estão abrindo novos espaços, até para nós. São tantos que dá pra se divertir e estudar, como pra descobrir amizades. Bailes é que não faltam. Até estou frequentando dois lugares. Por que vocês não vão?

Marina — Isso parece melhor do que a escola. Quero saber mais.

Amiga II — É um lugar muito especial. Lá o que conta é a idade. Temos hidroginástica, teatro, computação, passeios, cursos diversos. Até estou aprendendo a lidar com a internet. Estou aprendendo a conhecer as redes sociais.

Marina — E dá muito peixe? Nossa, quanta evolução! Daqui uns dias os velhos irão até voltar a namorar.

Amiga I — Disso nem eu sabia. O que estava seco está começando a ficar verdade. E o que andava mole, enrijece. É isso? Como é possível?

Marina — Deus voltou a fazer seus milagres.

Amiga III — Não sei se é só Deus que anda metido no meio de tudo.

Marina — Por favor, falem mais!

Amiga II — Estou frequentando uma oficina literária, também. Estou novamente escrevendo. Estou postando meus textos num Face, para as amigas que conheci em Santa Catarina.

Marina — Pera aí! De que bichos estão falando. Face, rede social, internet. Tô por fora de tudo. Acho



que estou noutro mundo. Vou querer isso também nem que seja de arrasto. E pra isso não precisa muito.

Amiga I — Pelo jeito vai ter que ser assim mesmo. Vou fazer de tudo para sair dessa em que vivo. Ando me estaqueando e minha mente está precisando remoçar. Estou precisando de novas conversas e vou ver se de repente Deus ajeita alguém especial para mim.

Marina — Quem sabe, no meio de velhas cheias de vida eu possa me animar também.

Amiga II — Que bom que não estou sozinha pra tirar vocês desta vida fechada que estão levando. Que bom que percebem a necessidade de se envolverem em novas atividades. Não sejamos o burro que ficou pra trás e a onça comeu.

Amiga I — Comeu?!

Amiga III — Bom, deixemos de brincadeira. Vamos encontrar tempo pra ver e ir a essa escola.

Amiga II — Depois a gente vem contar pra Marina como é a tal escola. Vamos indo...

Outras conversas podem ser inseridas

Cena III

Marina, acompanhada de uma música triste, mostrando a sua solidão. Depois, procura os óculos; que não acha.

Marina — Ô, Alda, vem me ajudar a encontrar meus óculos.

Alda não escuta.

Marina — Mas que droga! Nunca sei se falo baixo ou alto demais. Alda!!! Vê pra mim onde ficaram meus óculos.

Alda não escuta.

Marina — Onde será que se enfiou a minha filha? Puta merda! Antes, precisava ouvir três filhos e agora nenhum para me escutar. Tudo bem, tive tanto cuidado com essa menina e, agora que começou a faculdade, parece que me esqueceu. O que sobrou dela pra mim foi sua figura da infância em que, ora ela vem correndo pra mim, ora é dia de Natal. E das bonecas que lhes dei. Por uma, até eu me apaixonei. E, vejam lá, não era qualquer boneca. Passo em revista também nossas páscoas. Nem, falo dos dois garotos que tive, agora longe, muito longe. O mais comum é ouvir deles, mamãe, vou ter de desligar o telefone. Ora é um cliente pra atender, ora são minhas noras que os interrompem. De fato, filho é feito para amar e esquecer. Foram feitos para o mundo, dizem por aí. E eu aqui não tendo o que dizer e ninguém



para me ouvir. Conversa de velho não é motivo de preocupação. Até concordo que os tempos estão bichudos para o amor. E o que pensar então sobre amor de velho? Estou começando a ficar amarga. A vida está me *fodendo*, e eu com ela. Coisa feia. Só pra ver, estou começando a usar palavrão. Vou parar com isso. Acho que minha filha saiu de fininho. Estava falando dela, é uma ternura a minha filha. Mas, de que adianta ternura sempre longe. Ternura é coisa de se pegar. Estou me sentindo cada dia mais como uma choca que perdeu a ninhada. Não posso impedir a vida que passa cada dia mais ligeiro. Perdooo o mundo em que vivemos. Parece verdade, não dá para ficar esperando o tempo voltar.

Cena IV

Marina vai até a porta e fala.

Marina — Vizinha, ô vizinha, vem dizer aquela poesia que você declamou outro dia. Tem mais gente pra te ouvir. Ligeiro que o pessoal não gosta de esperar.

Entra a vizinha, toda nervosa.

Vizinha — Gente, sou a vizinha de Marina! Coisa mais querida esta mulher!

Marina mostra-se acanhada

Ela sempre pede pra eu declamar estes versos. Eu falo pra ela que passou o tempo de ser mãe galinha. Já é tempo de apenas ser galinha. Galinha livre!

Marina — Vês como fala! Declama os versos, antes que vás dizer mais bobagem.

Vizinha — Lá vai a poesia portuguesa:

*Mãe Galinha, mãe galinha,
É o que eu me sentia ser,
Quando um a um chegava à noitinha,
Buscando o regaço para os aquecer.*

*Chegavam. E eu podia ler em cada olhar
Alegrias ou tristezas que o dia lhes
trouxera
Os corações abriam-se para amar.*



Em nossa casa entrava a primavera

*Passaram os anos
Cresceram os pintos
Desfez-se a ninhada
E eu sinto-me agora
Qual alma penada
Sem esperança, sem norte,
Sem vida sem nada!
Ai de ti mãe galinha
Pobre de ti
Que estás tão sozinha.*

A vizinha se volta para Marina:

Vizinha — Pera aí mulher! Não é bem assim. Estás indo pros oitenta, mas não é deficiente. Vai prum lugar onde ainda possa falar e ser ouvida. A tua casa se esgotou, mas não tua vida. Não venhas mais com choradeira, que não declamo mais esta poesia.

Marina — Que coisa mais dura de se ouvir.

Vizinha — Dura não, necessária. Os teus galos já se mandaram do galinheiro e a tua pintainha está se ensaiando. Vê o que fazer de ti. Existem muitos outros terreiros pra frequentar. Pra teu governo: conheci uma galinha que aprendeu a voar como as gaivotas. Entre a panela e os ares ficou com os ares. Até os frangos, os filhos da galinha, reclamaram pelo fato de ela voar sobre as montanhas.

Marina — Tá bem! Tá bem! Chega de sermão.
Vou ver o que fazer.

Passam a figura



As luzes se apagam

Cena V

Uma ou duas pessoa carregam o cartaz onde se lê o que segue, acompanhado de música solene.

*Alda acompanha a Mãe
para a escola*

Alda e sua mãe entram

Marina — Acho que é aqui! Tenho vergonha de aprender depois dos setenta. Parece que não sei mais nada.

Alda — Vergonha é não aprender. Vergonha é ficar sem saber o que fazer da vida. Vergonha é andar sozinha sem ter o que dizer. Vamos ouvir o que dizem essas duas mulheres.

Entram duas mulheres que passam pela mãe e filha.

Amanda — Nesta escola não tem homem.

Marieta — Acho que os velhos já se foram ou estão indo. Outros se escondem por aí. Mas, por que se escondem?

Amanda — Acho que é por que têm vergonha. Também, não têm mais o que dizer. Tinham poder e não têm mais.

Marina — Do que elas estavam falando? Não entendi bem.

Alda — Elas queriam entender a razão de não haver homem por aqui.

Marina — E entenderam?

Alda — Muitos homens já estão mortos e outros se fazem de mortos, ficando sem conversar com ninguém, mais ou menos como você está fazendo.

Marina — Voltar a conviver numa escola, tô achando demais. Estou me sentindo pequena. Vamos para casa, filha!

Alda — Nem morta, mãe! Também não é bem uma escola. É um lugar para modificar um pouco a vida. Um pouco mais de comunicação. Lembra o Chacrinha? Quem não se comunica se trumbica.

As duas que conversavam são chamadas por Alda.

Alda — É aqui que gente de mais idade vem estudar?

Amanda — É sim. Vimos fazer a inscrição.

Alda — Eu trouxe a mãe.

Marina — Só um pouco, Você veio de companhia!

Alda — Tá bem, mãe!

Marieta — Muito prazer. Eu sou Marieta

Alda — Sou a Alda e minha mãe é a Marina.

Marina — Por favor, ainda falo por mim. Uma vez era Marina... professora Marina daqui, senhora Marina dali, Diretora Marina... Depois, em breve tempo, parece que foram aos poucos apagando o meu nome. Apenas me tornei avó. Mesmo que avó distante. Parece que devo voltar atrás... Preciso ser novamente estudante. Quero ser Marina um pouco mais. Aceitei o convite de minha filha e quero redescobrir quem ainda posso ser. Resgatar o meu nome. Mas isso não impede que eu me sinta uma estranha.

Amanda — Sou Amanda! É bem por isso que resolvi aprender alguns truques pra me sentir melhor. Estava quieta e, assim, a gente é como água parada... só serve pra criar mosquito. Pode haver a canto:

*Marina morena, Marina
Você se pintou
Marina, você faça tudo
Mas faça um favor
Não pinte esse rosto que eu gosto
Que eu gosto e que é só meu
Marina, você já é bonita
Com o que Deus lhe deu.*

Diretora do Centro de Convivência entra em cena.

Diretora — Ora, ora, parece haver gente nova no pedaço.

Marietinha — Nem tão nova, diretora.

Marina — Sou Marina. Estão querendo muito que me inscreva na escola, mesmo que, ainda, continue alfabetizada. Não sei bem a que vim, mas, pela pressão que recebi, parece ser interessante.

Diretora — Sou apenas a coordenadora, Leonora. Temos diversas opções de aprendizagem em forma de oficinas e cursos. O que mais interessa é a convivência. Ter gente diferente pra nos ajudar a viver sempre faz bem.

Marina — Verei de perto como me sentirei. Nem sei se ainda sou capaz de aprender alguma coisa.

Amanda — Só seu jeito de falar já recomenda bem.

Diretora — E pode ser o começo de um novo caminho. Hoje estamos vivendo mais do que o esperado e, se a vida se estica, pode ser que devamos aprender mais para viver melhor. Nunca sabemos tudo. Aqui tem pessoas aprendendo a lidar com computação e internet. Temos dança chinesa e de salão, oficina literária, oficina de pintura; até artesanato a gente faz. Há até uma oficina de solidariedade. Opções não faltam. Não é justo ficar



sem destino e sozinhos. Nossas mãos podem fazer novos caminhos. Somos a nova população a inventar o nosso jeito novo de ser.

Amanda — Eu vibro com a ioga. Há gente que adora hidroginástica. Opção é que não falta. E as viagens... A gente se renova só de ver novas paisagens!

Marina — Estou com boa vontade mas o corpo acho que não se ajeita mais.

Diretora — Veja, Marina como corpo se ajeita mesmo quando se envelhece.

Muda o cenário e algumas dançarinas realizam uma dança alegre e cheia de movimentos. Todos saem enquanto a dança continua.

Cena VI

OS HERÓIS DE NOSSAS ALDEIAS



As dançarinas e os personagens do palco saem, escondidos pelo cartaz. Vem apresentadores carregando o cartaz acima. Jovens anunciam seus heróis.

Entra Marina, vestida de outra maneira. Suas roupas traduzem uma mulher alegre e renovada.

Marina — Faz apenas dois meses que aqui entrei. Quero ser testemunha de um novo tempo. Hoje, declaro que a vida somente se esgota com a morte e não com a velhice. Comecei a amar o novo tempo e os novos lugares que encontrei. Queremos reconhecimento pelo que fomos e pelo que somos.

Temos heróis calados, outros escondidos. Queremos ver por onde já passamos. As crianças crescem sabendo quem são os fazedores da nossa história. A dignidade também depende de nossas origens. Não somos filhos de perdiz sem saber de seus pais.

Senta-se no meio do cenário. Ao término de cada apresentador, beija o quadro do herói apresentado.

Apresentador I — Mostra o antigo quadro de seus avós. Podem ser fotos envelhecidas em quadros de casais ou quadros de um só personagem. O apresentador segura o quadro erguido ao lado do peito, retira o pano que o cobre e faz o elogio, apontando-o com uma das mãos. Assim, todos os apresentadores.

Este é meu herói, o homem da roça. Comemos do milho e dos verdes plantados. A mata bruta virou lavoura. A casa rústica serviu de morada. Entre animais, viveu. Dormiu sobre a terra nua. Não teve medo das tempestades, nem das geadas e das secas. Fez minha aldeia cheia de alimentos. Amo-te, meu velho de vida corriqueira e esquecida. Tenho o teu sangue. Não vou deixar minha aldeia na mão. Tua vida me alimenta.

Apresentador II — Apresento a minha velha senhora das lutas do saber. (Afasta a toalha que encobre o quadro) Não esmoreceu diante da ignorância. Ergueu a primeira escola. Lutou com bravura para promover a leitura e a escrita. À luz do

conhecimento pôs razões na alma da aldeia. Livros e mais livros encheram de sonhos e lógica a mente infantil. Amo-te, senhora minha das lembranças apagadas. Poderão esquecê-la as gerações ingratas; jamais esquecerei de ti, minha senhora. Teus alunos ficaram de alma sábia graças às leituras feitas à luz da cera de abelhas e das lamparinas. Não nego os encantos por dizer bem e com os argumentos aprendidos desde a origem criada por minha velha senhora, professora esquecida. Minha aldeia antiga hoje tem universidade.

Apresentador III — Chegou a minha vez de dizer de meu protagonista. Filho sofrido de quem veio do outro lado do mar. Embrenhado em mata escura, desvelou-se em sua alma encantos de fé e generosidade. Doença maligna abateu-se em minha aldeia. Não descansou enquanto não tivesse ajudado a todos, mesmo que contaminasse os seus. Teve cuidados com roupas e remédios. Noites após noites animava os sãos e os doentes. Invocou a Deus e como o filho de Israel labutou. Exausto, descansou no dia em que o último dos doentes foi trabalhar. Depois, criou um hospital rústico e trouxe um médico para proteger o seu povo. Amo-te, bisavô. Louvo tua coragem com toda a força de meu peito. Em mim se fez amor por causa da tua história.

Apresentador IV — Amo meu político velho, lutador de honestidade. Aquele que fez leis honestas, e honesto foi. Nenhum deslize cometeu. Não aceitou



as ofertas de propina que fazem como desgraça em toda parte. Pobre viveu e pobre morreu. Defendeu a quem sofresse dificuldade. Não comungou com qualquer torpeza. Burro, burro, disseram dele por não conviver com dinheiro fácil. Nada mais fez do que ser um homem de caráter justo. Amo-te, assim na terra que foi o teu lugar como no céu onde repousas em boas memórias. A alma dos teus se tornou melhor! Por tua fortaleza e honestidade não tenho vergonha em fazer parte de tua família.

Apresentador V — Vou falar de um artista, vou cantar para todos os antigos, desconhecidos que tanto fizeram e ninguém viu. Amo a multidão de velhos e quando vier o meu tempo de velhice encherei meus pulmões e levantarei a voz cantando assim:
Envelhecer de Arnaldo Antunes,

*A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer*

*Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer*

*Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer*

*Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá*

*Pois ser eternamente adolescente nada é mais
demodé
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não
para de crescer
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e
esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai
correr*

*Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer.*



Apresentador VI — Este é meu guerreiro. Não suportou ver seus amigos e a si mesmo ficarem de fora. Ele tinha um amigo bolicheiro; seus filhos o afastaram e ele não podia mais comerciar. Outro amigo queria fazer teatro e o afastaram do palco, não podia mais se exhibir. Outro queria amar, desfizeram do amor envelhecido. Ele se revoltou ao ver um coração caído. Então, quiseram calar a sua boca. Mas ouçam o que ele falou:

*Fizeram de tudo pra calarem a minha boca.
Fizeram de tudo pra pararem as minhas mãos.
Por costume antigo aceitaram a lenta morte.
Da minha alma procuraram tirar a poesia.
Meu pensamento na solidão já falecia.
Sonhei à noite um sufoco mortal.
Com lixo me confundiam
Banhado em suor me acordei.
Tambores então começaram a tocar*
Ouve-se tambores
*Decidi me tornar guerreiro!
Tosca ainda é minha voz.
Minhas forças necessitam de mais habilidade.
Gritei numa voz de pouco eco.
Num exército me compus.
Nesta guerra não sou solitário.
Uma alegre revolução em quem chega.
Uma nova população.
Queremos uma nova agenda social*

Um elástico amor, uma nova identidade.

Um dos apresentadores ergue um cartaz:

Um guerreiro se faz também aos Oitenta!

Existe idade para ser um lutador?

Todos, como em jogral:

Oh! Vós que andais pelos séculos sem saber o que fazer,

Não esperai! Que só a mão operosa faz um sonho acontecer.

Todos colocam a mão sobre os olhos querendo ver ao longe.

Apresentador V — Ao alcance de meus olhos já avisto uma multidão buscando constituir o novo tempo. Aqueles que amam com amor incontido. Aqueles que prestam serviços intensos na aposentadoria. Aqueles que se dão às artes de toda sorte. Aqueles que lutam em exercícios de novas maneiras de ser. Aqueles que velam suas famílias.



Aqueles que geram palavras de novas intenções. Vejo aqueles com corpos ligeiros em jogos e exercícios. Vejo aqueles que cuidam dos velhos dementes e abandonados. Vejo velhos em seus conselhos certos.

Apresentador IV — Não existe direito sem luta. Não existe lugar sem pressão. Não existe luz sem argumentos. Uma razoável inteligência é capaz de entendê-los através do princípio da igualdade humana.

Cena VII

Como antes, um cartaz esconde novos personagens e novas falas. Saem os personagens atuais. Fica Marina

*Não só de lutas se fazem os mais velhos.
A ternura também habita suas casas!*

Marina — Nós os mais velhos temos a alegria por não estarmos sós. Digo isso pensando nos vivos e nos falecidos. Pois, que me digam contrariados alguns dos vivos: que coisa é essa de ter mais amigos falecidos do que vivos? Digo-vos que sim. Os falecidos estão vivos em mim. O melhor da minha alma é feita por eles. Entretanto, agora, vou me ocupar das crianças que andam comigo. Sobrinhos, netos e bisnetos. Almas pequenas com desejos incontáveis e com fome de conhecer. Venham então crianças, tão vivas e ainda com tão pouco a dizer.

As crianças se aproximam de Marina. Podem fazer parte os apresentadores. Um deles pode narrar o que Marina esteja em gestos a contar às crianças

— Quando tive tua mãe **(Marina aponta para uma das crianças)** eu trabalhava na roça pra poder



comer o pão. Vendia abóbora, leite, queijo, feijão. Meu marido vendia porcos. Eu e meu cavalinho Alecrim nos molhávamos em dias de chuva. Assim tivemos nossos filhos, debaixo do mau tempo. Mas havia alegria pura molhada no campo e o barulho de águas descendo na cachoeira. Depois, viemos pra cidade. Coisa de louco. Meu marido *botou* um bolicho. Quando envelheci, ele ficou sem saber o que fazer. Meus filhos tomaram conta e montaram uma rede de negócios. Ele ficou sobrando. Pobre, acho que morreu de tristeza. Ele foi um sonhador de sucesso.

Criança I — Conta mais vó!

— Narradora — Conto como o vô Desidério morreu, com 105 anos. A irmã dele, a Vitória, de 102, conseguiu dizer uma coisa de se rir no dia do velório; Ela disse: Pobrezinho, morreu cedo; ele sempre foi muito doentinho.

Risos das crianças

Marina — Imagina quanto tempo o nono Desidério duraria se não fosse sempre muito doentinho.

Narradora — Vitória, a irmã do Desidério tinha mais duas irmãs, a Pascoeta, de 100 anos, e a Adriana, de 106, a mais velha. Viviam juntas e bastante esquecidas. Mas o que uma esquecia a outra lembrava e iam assim vivendo. Adriana foi tomar banho no seu quarto, no segundo piso. Lá pelas tantas ela chamou por Pascoeta. Pascoeta, vem me ajudar pra ver se já tomei ou não tomei banho. A irmã ia

subindo os degraus quando ficou cheia de dúvidas, falando, então, pra Vitória de 102 anos: Estou subindo ou descendo a escada? A Vitória bateu na mesa dizendo: Não é possível! Deus me livre ficar tão esquecida. Não passou um minuto quando falou: Alguém bateu na porta. Quem vai abrir? Ficar muito velho tem dois problemas: pode morrer ou perder a memória! De morrer ninguém se livrou. Por isso vamos viver bem enquanto estamos por aqui.

A história de Adriana e irmãs pode ser representada.



Cena VIII

Lê-se no cartaz:

*Distinguir o principal no
meio das dificuldades:
sabedoria*

Entra uma avó. Senta-se numa cadeira pra ler ou fazer crochê e logo a seguir entra uma garota agitada.

Avó — Pode parar, e me conta direitinho o que aconteceu. Pra quem colheu numa vida cheia de tempestades, nada mais surpreende.

Neta — Tem certeza que foi assim tão duro o seu tempo?

Avó — Meu tempo é ainda hoje e, pelo visto, terei tarefa complicada. O que é que aconteceu? Até loucuras enfrentei na minha casa.

Neta — E outra loucura aconteceu!

Avó — Vai dizer que matou teu namorado. Até não seria um grande mal.

Neta — Que é isso, vó?

Avó — Se não foi mortandade, o que justifica teu nervosismo?

Neta — Estou grávida.

Avó — Mas como foi isso?

Neta — Já esqueceu, vó?

Avó — Olha como falas! A coisa é séria, muito séria, mas é a vida que está em jogo. Estamos juntas nesta partida. Digo uma coisa simples, tu vais passar de protegida para protetora. Agora é que se complica um pouco a vida. Vais ter que dar mais do que receber.

Neta — O que se pode fazer sobre o inevitável?

Avó — Nem tão inevitável. As distrações devem ter hora, gurria. Mas vamos ao tema principal. Queres a criança?

Neta — Quero.

Avó — Pois bem, entre a razão e a natureza escolheste a natureza. Às vezes ela cobra caro. Escuta, já falaste pra tua mãe?

Neta — Não. Você me ajuda?

Avó — É claro. Essa criança vale mais do que os bons costumes.

Neta — A mãe vai querer me matar!

Avó — Ela ainda acha que os costumes valem mais do que a vida. Ela terá razão em ficar chateada por tua precipitação. E também vai sentir o tamanho da língua dos outros.

Neta — Você prepara o terreno, vó?

Avó — Ela não pode esquecer que também foi apressada. Teve sorte não ter sido em período fértil.

(Música alegre)

Avó — Minha ternura é toda para ti.

Poucos sabem medir o meio termo entre o certo
e o errado

Entre o desejo bruto e a razoável decisão.

Pobre criatura humana!

Se a história é verdadeira.

Feliz foi Eva em seu pecado

Que nos deu tamanho Salvador.

Há de vir uma criança,

Tão frágil será. Ela vem apressada.

Sempre pela vida vale a pena,

A lágrima da mãe tão preocupada.

Cena IX

Amar até o fim é a cena que teremos a seguir

Ângelo — Sou Ângelo. Estou louco pra casar e vejam que não consigo convencer a Angelina a apurar este casamento. Vou declamar pra ela de Paulo Leminski, *Amar você é coisa de minutos*:

*Amar você é coisa de minutos
A morte é menos que teu beijo
Tão bom ser teu que sou
Eu a teus pés derramado
Pouco resta do que fui
De ti depende ser bom ou ruim
Serei o que achares conveniente
Serei para ti mais que um cão
Uma sombra que te aquece
Um deus que não esquece
Um servo que não diz não
Morto teu pai serei teu irmão
Direi os versos que quiseres
Esquecerei todas as mulheres
Serei tanto e tudo e todos
Vais ter nojo de eu ser isso
E estarei a teu serviço
Enquanto durar meu corpo
Enquanto me correr nas veias*



*O rio vermelho que se inflama
Ao ver teu rosto feito tocha
Serei teu rei teu pão tua coisa tua rocha
Sim, eu estarei aqui*

Ela — Sou Angelina. Também estou louca pra casar.
Mas que ele se cuide.
Prometerei plantar a vida que me deres
Não perderei um minuto sequer
O desejo enorme que me queres
Sei bem do poder do amor a toda prova.
Porém os anos não serão tão fáceis
A vida apronta cada uma
Teremos momentos tristes e nenhuma
Força é capaz de impedir a dor.
Somos como fruta doce que envelhece
E a vida tem disso ainda que apeteça
Existem momentos de invalidez total
Ainda assim andarei contigo.
Feliz por ser em tudo tua.
Serei mais que a vida.
Darei também a minha direção.
Terás meu coração que sentirá por dois.
Saberemos da felicidade o tanto a bondade
Humana e o quanto a ternura nos assista.
Esta promessa feita é pra lembrar
E ter por lembrança o que me prometeu
Homem que é homem cumpre o prometido.
Assim serei pra sempre somente tua.

Assim espero e mais não falo
Que teu falo seque e teus ovos caiam
Se não fores para sempre somente meu.

Ângelo — Não carece de tanta ameaça, que o amor é
cheio de bondades.

Angelina — É verdade, mas bem sei que a carne é
fraca em toda a humanidade.



Cena X

Apresentador II vai entrando com cartaz enquanto os dois se retiram



Entra um velho e uma velha; Angelina envelhecida com seu companheiro Ângelo.

Angelina — Estamos aqui de regresso, eu Angelina e aqui Ângelo.

Ângelo — Boa noite. Cinquenta anos juntos. Sou um santo. Ainda estou inteiro. Tive só uma tentação. Resisti, provando que o amor é mais forte do que o diabo. Se não tivesse qualquer tentação como ela saberia de minha fidelidade.

Ângela — Sei lá se foi por amor ou por medo de perder tuas forças amorosas.

Ângelo — Cinquenta anos é uma história bonita. A gente ama pelo que vem e pelo muito que ainda esperamos. Já não sei se sou eu ou sou você.

Angelina — Lindo! Coisa mais querida. Ainda temos gemidos de ternura. Minha filha mais nova me

ouviu gemer. Abriu o quarto pensando que sofria do coração. Xinguei-a. Ela pensa que os velhos só sabem gemer de dor.

Ângelo — Fiquei com vergonha. Mas é melhor ter vergonha do que não ter amor. Mas quando vêm os dias de Sol mais se vê a vida. Hoje de manhã vim pela rua e vi um azul celeste como nunca. Um azul do oriente da cor da safira.

Angelina — Um dia azul. Um veludo só, como no dia do nosso casamento.

Ângelo — Não falemos de nossos dias tristes, nem dos dias pesados. Fracassamos em negócios. Vimos o fundo do poço. O dinheiro é cruel. A gente não pode se distrair que zás, ele foge como cobra. Ainda dói ver uma filha casada com o filho de um cão. Ma *alora va bene*. Nós casamos em Deus e não como agora se casam apenas com um pouco de paixão.

Angelina — A vida vem chegando cada dia mais. O amor está solto. Só o corpo começa a mostrar que alguma peça precisa de conserto. Mas a gente tem amor enquanto os lábios tiverem cor. Peço às vezes pro Ângelo beijar minhas pálpebras. Meus olhos viram todas as paisagens e assim ele beija a visão que eu tenho. Vamos entrar se não vão pensar que nosso amor é pura conversa fiada.

Muda o cenário



Cena XI

*Conversas de velhos e
uma poesia*

Marina — Como já disse ontem prum homem, nem só de sexo vive a mulher. Não desprezo o prazer, mas vivo minha viuvez alegremente. Tenho ainda meu corpo como presente de Deus. Tenho os animais do campo e as aves do céu como alegria para meus olhos. Tenho a comida bem feita. O vinho com amigos. A leitura e até passei a escrever. Agradeço a Alda, minha filha, que me ajudou a conviver com esse bando de gente que me faz conversar e ouvir. Tenho fé em Deus, que anda comigo em qualquer farelo de pão ou grão de qualquer semente. As árvores me fortalecem. A seiva que sobe da terra se confunde com minhas veias, como diz minha amiga Dinair. Sinto que meu trem anda mais devagar. Espero que ainda não precise desembarcar na próxima estação.

Entra Eliazar

Eliazar — Oh, Meu Deus! Quanto tempo!

Marina — Quase um século. Mas o que veio fazer na cidade?

Eliazar — Também frequento uma escola de velhos. Velhos metidos a escrever. Disseram que eu sou um escritor tardio. Cheguei tarde demais pra ser escritor de verdade. Faço meus versos sem pretensão.

Marina — E por que não escritor de verdade? Pode não ter grande reconhecimento. Basta caprichar nas palavras e dizer coisas sinceras. E qualquer coisa pode ser motivo de bons textos.

Eliazar — Mas já me sinto meio cansado.

Marina — Te vejo ainda forte, homem.

Eliazar — Não exagere. Minha memória começa a dar umas travadas. Ainda bem que com paciência retiro de mim meu universo antigo que conversa com o que me aparece. Trato tudo com o maior respeito. Sabe, dia desses vi a rainha da Inglaterra comendo manga no café da manhã. Eu tenho um pé da fruta. Mesmo nesse tempo difícil tenho ela no quintal. Sinto-me, então, rei no café da manhã.

Marina — E sua esposa?

Eliazar — Não sabe? Faz cinco anos que a perdi.

Marina — Que esteja em paz.

Eliazar — Ela merece. Acho que tivemos muitos dias felizes. Nem todos foram, que o diabo sempre atrapalha a gente.

Marina — Nem me diga. Sozinha à vezes é difícil. Imagina em dois. E não vai sair à cata de outra?



Eliazar — Estou quase como um amigo viúvo a quem falei pra procurar outra mulher.

Marina — E ele?

Eliazar — Respondeu, rindo, que as boas estão todas ocupadas.

Marina — Ia me oferecer pra você, mas, dois loucos dentro da mesma casa seria caso de polícia.

Eliazar — Mas e a Alda, o que é feito dela?

Marina — Casou. Está com três filhos.

Eliazar — Que bom! Eles a distraem muito?

Marina — Me visitam aos domingos. Fico feliz quando chegam e mais contente quando vão embora. Uma ventania passou!

Entra um amigo em comum

Eliazar — Quem vem chegando! Já rezava por sua alma, cara. Tanto tempo, Altair!

Marina — É verdade que vai virar imortal?

Altair — Vou entrar na Academia.

Eliazar — Vai mesmo?

Altair — Estou inventando uns versos. Fiz até um poeminha. Inspirei-me ao ver minha bisneta de olhos vivos sobre a nossa conversa. Escrevi assim:

Dançavam as lembranças sobre a mesa

Pois chegaram os avós no dia anterior.

Não se pode por tempo indefinido

Guardar a sós tantas vidas já vividas.

E vinham todos conhecidos que se foram

*Velhos companheiros de jornadas
falecidas.
Por lembradas, sorriam dentro da alma
Os velhos assim viviam nas lembranças.
E a pequena, a menor de sete anos,
Sorria entendendo que se fazem
companheiros
Nas lembranças tantas e que os velhos
tinham
Tanta vida, e, nela, a vida se fazia tão
pequena.*

Marina e Eliazar — Grande! Publique que sempre haverá alguém para ler. Vamos com poemas que assunto é que não falta.

Chega Asdrubal

Marina — Que surpresa, Asdrubal, nosso velho e bom filósofo.

Asdrubal — Nossa, digo eu. Espero que esse povo ajude a criar uma situação melhor para todos nós. Afinal, a gente não pode perder a confiança na humanidade. Mas estou com receio. Se aparecer mais um velho, a plateia é capaz de fugir.

Marina — Nossa cena se chama conversas de velhos. Eles têm paciência e educação.

Uma velha e um velho entram agitados sem se dar conta dos velhos conversando.



Os personagens ficam sentados nas cadeiras enfileiradas , assistindo

Passa o primeiro casal de idosos:

Ela — Não dá pra acreditar. Você me trocar por um homem! Isso é pecado. Não pode me deixar na mão desse jeito. E o que vai fazer com esse trabuco? Filho de uma puta, assim a nossa família ficará marcada. Só imagino a minha comadre desbocada: E seu marido agora deu pra dar o rabo! Que vou dizer?

Ele — Diga que estamos em outros tempos. Temos outros costumes. E não me encha mais o saco. O que decidi está decidido!

Ela — E, justo com o velho Tenório. Pouca vergonha.

Ele — O que vamos fazer se a natureza é tão vacilante?

Os dois se separam, Marina se levanta da cadeira

Marina — Somente Deus pode nos salvar. Pobre da Lucila. Sempre tão orgulhosa de seu machão. Enfrentar os preconceitos é tarefa muito dura. Nestas alturas do campeonato não sei se enterrei meu homem virgem de rabo.

Asdrubal — Não perderia nada. A terra é democrática. Bendita a terra que nos colhe sem perguntar o que fomos.

*Esta cova em que estás com palmos medida
Não pergunta nunca pelo jeito da vida.*

*É uma cova grande pra teu pouco defunto
É uma cova justa para todo mundo.*

Outro velho — A vida tem cada uma. E a morte também. A gente disputando o nosso viver entre as duas. Quanto mais velhos mais nos debatemos pra ficar com a vida. Sabem que sonhei que havia morrido. A morte me tomou nos braços e me levou a um lago infinito; pediu desculpas, tirando o corpo fora. São coisas da vida disse a morte. Disse que preferia minha casa ao lago infinito. Minha mulher entrou na conversa e não me deu força; falou: o carro fúnebre está aí na frente da casa. Então, morri.

Esposa — Fosse eu deixaria o carro passar, meu amor! Jamais me desfaria de quem ergueu tudo e mais um pouco pra manter a nossa casa de pé. Quantas lutas pra segurar a casa em pé. Este é meu homem muito amado, em quem até deus se sustenta. Lembre os ventos fortes que vinham de todos os lados. Os impostos ferozes, as dívidas para fazer nossos filhos doutores. As crises em nossa casa de comércio por causa de um governo corrupto. Eu



furaria os pneus de qualquer carro fúnebre. Assim você continua a segurar o velho vigamento. E, se mais ventos fortes vierem, nossa casa poderá se vergar, mas, mesmo se curvando jamais se deixará abater.

Eliazar — Passaremos dias e dias vendo a velhice em suas formas e não esgotaremos o assunto. Muito tempo para falar dos velhos solitários. O que dizer quando ficam dependentes. O que dizer dos velhos depressivos e já não têm o que dizer. Por cansados se calam. Das velhas carentes de carinho e das viúvas que amaram ternamente e perderam o sonho de envelhecerem juntos. O que dizer das velhas felizes, que foram sempre prisioneiras da casa e sentem alívio quando parte seu último senhor. O tempo passa e nós com ele. Descobrimos que estamos mais para sermos cuidados do que sermos cuidadores.

Ouve-se... Que será será

Anunciador— Nossos personagens inventarão uma brincadeira, uma leve brincadeira. Vão se dobrar sobre si mesmos para ver como se sentirão daqui a quinze anos. Só espero que nenhum venha a morrer aqui no palco. É sempre tarefa delicada avaliar o efeito de quinze anos sobre a nossa velhice. Bom, mas mesmo se alguém se despedir, não fiquem tristes, pois, quando adentramos na velhice a nossa vida já é mais esquecimento, restam poucas lembranças, entre as quase todas esquecidas. Morrer é o próprio esquecimento; então, ao se morrer velho, muito

velho, tantas relações foram esquecidas e, assim mesmo, não choramos. Se morrer está previsto, não há do que se queixar. Quinze anos se passaram sobre a vida de nossos heróis.

Durante este tempo breve de espera um é retirado por desfalecimento. Outro é posto em cadeira de rodas, outro começa a falar sozinho, mostrando medo. Outro se dobra, mostrando sua fragilidade. Um caminha se segurando em bengala.) Aquele que desfaleceu é trazido em lençóis enquanto se repete o canto... A terra em que estás com palmos medida. É a parte que te cabe neste latifúndio. O desfalecido levanta-se entre os lençóis. *Se antes o mundo não me bastava, agora basta uma pequena tumba. Já que me enterram em terra rasa que ao menos seja uma terra boa*

Trazem o que sofre de Alzheimer. O pobre homem olha em uma só direção, passos rígidos. A cuidadora leva-o para o centro do ambiente

Cuidadora — Este é meu pai. Há mais de ano não sabe quem é, tampouco quem eu sou. De fato, o esquecimento é a morte. Mas posso garantir a sua grandeza. Ninguém mais do que ele se esforçou para ter um pouco de glória e dignidade. Vi lágrimas em seus olhos quando a política foi por água abaixo. Foi pelejador generoso. Esfolou-se no trabalho pra que



seus filhos comessem o pão sem ter vergonha. Seu exemplo me valeu mais do que a honra de todos os partidos juntos. Tentou conviver com diversos deles, achando que cada um seria o lugar para tornar melhor o Estado. Conseguiu decepções, mas lutou bravamente. Desconfio até que seu esquecimento é de pura decepção. O que sobrou foi esta ternura da filha. Renuncio a parte de minha vida pra por a mão em seu ombro e, assim, ainda confiar na espécie humana. Batam palmas, por favor! Sua memória antiga sabe que a vida, apesar de tudo, é uma festa. Se me perguntam onde existe mais vida, se agora em que recebe o reconhecimento através dos cuidados físicos ou enquanto vivia sua luta desgastante, confesso: tenho dúvidas.

A cuidadora sai em silêncio. Todos retornam à suas cadeiras e os filhos e filhas estendem sobre seus ombros palas protetores.

Alguém anuncia:

Não acabemos antes do tempo. Não precipitemos a velhice com seus cuidados. Vivamos enquanto somos donos de nossas pernas.

Todos saltam felizes ao som de uma música: um convite à dança. Aos poucos vão se retirando

Cena XII

Esta cena pode ser inserida no início ou durante a apresentação.

Filha pequena tenta falar com a mãe. Esta está voltada para seu celular. A filha insiste.

- Me escuta, mãe!
-
- Por favor, mãe.
-
- Mãe, preciso falar.
- Fala com o teu pai.
- É assunto de namoro, mãe.
- Pode namorar.
- Mãe virtual é coisa triste.

Quadro posterior

A mãe envelhece. A filha no celular.

- Filha, me escuta!
-
- Por favor, por favor, filha...
-
- Filha, preciso falar.
- Fala com a tua cuidadora.
- Filha virtual é coisa triste.



Cena Final

Marina — Estou envelhecendo mas, ainda é meu tempo.

Pratiquei na vida mais do que obediência.
Hoje eu ainda faço a parte que me cabe.
Não desmereço o dom de merecer
A cada instante, o pão, o amor e a convivência.
Pactuei com deus viver intensamente.
Em mim sua luz não se apagará.
Como estou meu tempo ainda é indefinido.
Digo que meu tempo é suficiente.
Mas isso eu falo da boca pra fora
Pois não se despreza a vida que se tem.
Melhor será se mais vier!

Um coro declama os versos

*Sem mais nenhum querer que a primavera
Que vem chegando nesta silenciosa chuva,
Sem nenhum amor a mais que a natureza
Que mostra a vida toda neste instante,
Louvo, sem barulhos, a minha alma carregada
A vida que levei tão propriamente minha
E na algibeira vou levar o amor de quem amei.
E se tiver a Deus, olharei a infinita face
Pedirei por mais bela que seja minha morte
Que me dê de volta a minha vida.*

Enquanto Marina faz seu discurso pode ser projetada a dança das bengalas.

Marina — Confesso que vivi depois dos sessenta. Se antes vivia pra cumprir o que todos esperavam, depois dos sessenta vivi por minha decisão. Confesso que então vivi e se penso na bengala pra ajudar as pernas cansadas, não menos deixarei de viver. Ainda que breve o meu caminho, que tenha largura. Deus fala em mim e por isso a graça invade o meu ser. Semelhante a um jardineiro ele ronda o meu ser.

Marina negocia com o ministro de Deus

Marina — Lá vens tu com o velho costume de não deixar ninguém para trás.

Ministro de Deus — Que vou fazer se pra isso fui educado e sirvo ao meu senhor?

Marina — Ainda tenho recursos pra não obedecer. O cuidado e a medicina dão uma mãozinha.

Ministro de Deus — Vai nessa, Marina.

Marina — Não temo a vida nem a morte. Afinal, morrer é dar licença aos outros. Poderei saber o que será ou não será.

Canção que será, será!



Ministro de Deus — Venho dizer que ainda tens um tempo, presente da eternidade.

Sai

Marina — Está chegando mais gente. Quem são vocês?

Ministros — Somos ministros do Estado!

Marina — Seria grande coisa se mudassem a ordem financeira do Estado. Bastam as leis. O que se faz necessário é a descentralização do poder. Que os Estados e os municípios tenham poder para resolver seus problemas e não depender de governos e legisladores que apuram seus próprios interesses. Basta de um imperador travestido de presidente e de deputados e senadores travestidos de príncipes. Sobram migalhas às nossas cidades!

Ministros — Deixe-nos falar.

Marina — Nem mais uma palavra que estas já nos cansaram. Vão e façam o que é necessário fazer. Que o poder seja descentralizado.

Ministros — Vimos pensando em participar do seu funeral.

Marina— Podem rezar, mas não por mim. Rezem por vocês, para que a honestidade e a democracia do poder permaneça entre nós.

Saem os ministros

Marina— Venham todos que lutam com dificuldades, bicando a nossa sorte. Sejamos unidos já que Brasília nos come por inteiro. Sejamos alegres, pois a vida é um presente também na velhice!

Venham meus filhos que temos pouco mais que o valor e o poder de nossas casas.

A filha ou outro personagem lê solenemente:

Tantos anos bons e no meio das procelas
Andando o barco e enfunada a vela
Bendita é a vida de Marina
Acesa sempre esteve a lamparina

Marina! Marina! E todos os benditos!
Não ponham tristeza alguma sobre a
alma

Bendita seja a vida aos lutadores e a
palma
Aos que estiveram ocupados com amigos.

Marina ou pode ser recitado em coro:

Se lutei para merecer a minha vida!



Aprendi a suavidade do final das tardes e
assim exclamei:

Hora minha inestimável hora
Amável como seio e aconchego,
Minha doce tarde quando o tempo para
E a natureza sobre mim se dobra.
Aprendi o ardor do meio dia
Pra defender a vida não importava a hora
Garanto: não comi o pão gratuitamente
Revesti meu ser com o precioso ser da
vida.

Já me basta o tempo. Sinto-me tão
cansada!

Preciso descansar!

**Entram os anunciadores com
pequenos instrumentos e recitam:**

A nossa hora é esta de Marina em que cai
a tarde

E oferece esta história solene do passado
E do futuro a certeza de existir.
Recolhe-se o tempo numa hora só.

**Marina em acenos se despede
dizendo:**

Hora minha inestimável hora
Em que cai a tarde e eu devo ir embora.

Cansada e alegre estou, pois que digo: eu vivi.

Fecha o palco e a seguir entram os mesmos personagens carregando suas malas pequenas e grandes, coloridas ou não. Ou o diretor pode realizar a última cena:

MARINA NA ETERNIDADE

Marina— Esta estrada eu nunca percorri. Ainda bem que vem aí um peregrino, perdido como eu. Ainda bem que não estou sozinha nesta jornada.

Deus — Enfim vieste, Marina! Estás buscando alguém?

Marina — Estou buscando a mim mesma. Em algum lugar perdi o meu corpo. Diga-me, por favor, onde o puseram, que assim me sinto nua. Se sabes onde o puseram, diga-me, por favor.

Deus — Marina, Marina!!!

Marina — Tens o jeito do mestre conhecido, mas tuas vestes são tão simples que a gente se confunde. Ajude-me... Sinto-me estranha nesta forma de ser. E tenho ainda



muito para viver. Prefiro meu cotidiano a esta confusa eternidade. Sem os meus eu não sei o que fazer.

Deus — Mas não estavas cansada? Foi assim que entendi.

Marina — Era final da tarde. Agora, com esta graça me sinto bem disposta!

Bate nos ombros do Senhor

Deus — O que pretendes mesmo tendo vivido mais do que o tempo da maioria?

Marina — Foi tão pouco. Tenho leituras por fazer. Tarefas e conversas não concluídas. Dê-me mais dois anos. Prometo não perder uma só hora!!!

Deus — É muito tempo.

Marina — É nada perto de sua eternidade. Que custa me dar tão pouco? Prometo estender minha vida na vida dos outros. Minha paixão será a comunhão.

Deus — Pois isso é a felicidade!

Marina — Prefiro ainda a felicidade que fazia com o caquinho do meu corpo. Com ele levo longe minha alma. Mai dois anos, Senhor?

Deus — Meio ano!

Marina — Tá bem! Meio ano! Farei deste meio ano o infinito tempo e a infinita obra.

Deus — Boa sorte! E que a natureza te seja farta. Quero que saibas que minhas mãos se medem também pelas tuas mãos.

Marina — Sabia e agora saberei ainda mais. Beija o Senhor

Findo o diálogo divino, encerra-se o teatro com a entrada das malas e dos maleiros





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Agostinho é autor de diversos livros, participou de um grande número de artigos em revistas e em capítulos de livros, estes todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria tem o prazer de apresentar romances através dos quais expressa suas opiniões pessoais sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui um estilo literário livre de preceitos acadêmicos. Sua bagagem de professor e administrador universitário faz com que penetre com estilo leve e crítico as questões do cotidiano de nossa cultura. Acima de tudo busca uma forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

*Tantos anos bons e no meio de procelas
Andando o barco e enfumada a vela
Bendita é a vida de Marina
Acesa sempre esteve a lamparina*

*Marina! Marina! E todos os benditos!
Não ponham tristeza alguma sobre a alma
Bendita seja a vida aos lutadores e a palma
Aos que estiveram ocupados com amigos.»!*